

DOI: 10.20911/21799024v15n1p142/2024

"Santas e Veneráveis Mãos" **Algumas questões sobre a forma de comungar**

"HOLY AND VENERABLE HANDS"
Some Questions about the Manner of Receiving Communion

Daniel Reis¹

Resumo: Este artigo investiga a forma ritual para se receber a Comunhão Eucarística na Missa do rito Católico Apostólico Romano. Após uma consideração inicial sobre a importância da forma para a revelação do conteúdo, traça um panorama histórico sobre a genuína forma de comungar (nas mãos), a deformação na Idade Média (diretamente na boca) e a reforma, com o Concílio Vaticano II, da modalidade ritual mais antiga. Apresenta, ainda, uma crítica aos grupos radicais que exigem a Comunhão diretamente na língua, mas que incitam a divisão na Igreja com discursos odiosos e mentirosos, gerando "descomunhão".

Palavras-chave: Comunhão na mão; Eucaristia; Forma ritual; Liturgia; Ritos da Comunhão.

Abstract: This article investigates the ritual form for receiving the Eucharistic Communion in the Mass of the Roman Catholic Apostolic rite. After an initial consideration of the importance of form for revealing content, it traces a historical overview of the authentic form of receiving the Communion (in the hands), the

1 Mestrando em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - FAJE. Bacharel em Direito e em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas. danielreis_1308@hotmail.com.

distortion in the Middle Ages (directly in the mouth), and the reform with the Second Vatican Council, restoring the ancient ritual practice. It also presents a critique of radical groups that demand the Communion directly on the tongue, inciting division in the Church with hateful and dishonest speeches, causing “dis- communion.”

Keywords: Communion in the hand; Eucharist; Ritual form; Liturgy; Communion Rites.

Introdução

A forma de comungar, diretamente na boca ou, antes, nas mãos, pode parecer uma questão irrelevante ou mesmo anacrônica. Alguns poderiam dizer que, diante de tantos problemas a serem tratados na pauta eclesial, tal reflexão seria desnecessária. Outros poderiam afirmar que, na mão ou na boca, o importante é comungar, relativizando a forma. Ledo engano!

Aos adeptos do discurso de que a Liturgia é um tema periférico e que, portanto, não deveria ocupar o tempo da reflexão eclesial, sendo preterida a outros assuntos “mais urgentes”, é preciso recordar-lhes o lugar fontal que o Concílio Vaticano II devolveu a ela. A Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* (SC), primeira a ser promulgada pelo Concílio, afirma: “A Liturgia é o cume para o qual tende a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte de que promana toda a sua força” (SC 10). Como ponto de partida e de chegada da ação eclesial, jamais pode ser considerada secundária, mas primária e destinatária do agir cristão no mundo, precedendo-o e procedendo-o, pois tudo dela nasce (“fonte”) e para ela se volta (“cume”). Ainda: “A Liturgia é a fonte primeira e indispensável onde os fiéis bebem o espírito genuinamente cristão” (SC 14). Não reconhecer sua primazia e imprescindibilidade na vida da Igreja pode causar - ou já sintomatizar - o “imanentismo antropocêntrico” e “neopelagiano” denunciado pelo Papa Francisco na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (EG 94), que exclui a fonte divina e coloca a ação humana em primeiro lugar no plano da salvação.

Quanto aos que apregoam o relativismo da forma e apegam-se apenas à validade do conteúdo, é preciso recordar “que existe uma forma ritual, uma linguagem que interage com a sensibilidade humana e introduz o fiel celebrante pelos caminhos que conduzem ao mistério” (PIETRA, 2024, p. 27). A forma não é e não pode ser indiferente à fé cristã, pois ela facilita ou dificulta a dimensão mistagógica da Liturgia, que pela inteligência própria dos “ritos e preces” (SC 48) pretende conduzir os que a celebram à forma de ser de Jesus Cristo. A fé que professamos não é abstrata, mas se reveste da concretude ritual, fundamentada no princípio da Encarnação do Verbo². Os sacramentos que celebramos, como afirma o Catecismo da Igreja Católica, “são sinais sensíveis (palavras e ações), acessíveis à nossa humanidade atual” (CIC 1084), ou seja, são “antes de tudo e fundamentalmente ações rituais” (GRILLO, 2011, p. 13).

2 Cf.: Jo 1,14.

Lançados os pressupostos da forma ritual da Liturgia e sua relevância, os pontos a seguir têm por objetivo apresentar, sinteticamente, a forma da comunhão eucarística ao longo da história, bem como as implicações teológicas e existenciais dessas formas para a compreensão e vivência da Eucaristia. A pertinência do tema se comprova, dia após dia, nos questionamentos e dúvidas do Povo de Deus sobre qual a melhor forma de receber os alimentos eucaristizados.

1. A forma da Refeição Pascal de Jesus com seus amigos

Os relatos neotestamentários acerca da última Ceia de Jesus com seus amigos apontam “o que” ele fez, sem detalhar “como” foi feito. Tanto os evangelhos sinóticos quanto a primeira carta de Paulo à comunidade de Corinto relatam, sem pormenores, os quatro gestos fundamentais do Senhor à mesa: “tomou pão e vinho”, “deu graças”, “partiu” e “deu”³.

Importa ressaltar que, nos evangelhos de Marcos e Mateus, após a narrativa dos gestos fundamentais relativos ao pão, há uma ordem expressa ligada ao quarto gesto (“deu”), que em Marcos é: “Tomai, isto é o meu corpo” (Mc 14,22), e em Mateus: “Tomai e comei, isto é o meu corpo” (Mt 26,26). A palavra grega original utilizada em ambos os casos, normalmente traduzida por “tomai”, é *λάβετε*, na segunda pessoa do plural do imperativo aoristo ativo do verbo *λαμβάνω*, que também pode ser traduzido por “pegar”. Assim, uma tradução sinônima é: “Pegai, isto é o meu corpo”, para Marcos; “Pegai e comei, isto é o meu corpo”, em Mateus. Por óbvio, “pegar” ou mesmo “tomar”⁴, nesse contexto, significa “pegar” ou “tomar” valendo-se das mãos.

Se por um lado nenhum dos relatos institucionais apontam qualquer indício de que Jesus tenha entregado o pão ou o vinho eucaristizados diretamente na boca dos discípulos, por outro os relatos de Marcos e Mateus indicam a ação de “pegar”, conforme a ordem de Jesus. Os evangelhos sinóticos “afirmam muito claramente que a última ceia foi uma ceia pascal” (MAZZA, 2014, p. 14), que por sua vez “tinha suas próprias regras e regulamentos, seus próprios passos e etapas” (PITRE, 2011, p. 149), presentes na *Haggadah* (הַגָּדָה) e suas variações, que contêm o programa ritual da celebração pascal judaica. Em nenhum desses formulários rituais judaicos menciona-se a entrega do pão, dos cálices ou de qualquer outro alimento na boca dos comensais.

Para além dos dados exegéticos, importa mencionar a perspectiva antropológica. O Jesus histórico, inserido em determinada cultura, ambiente e costumes, constantemente é narrado à mesa ou em um contexto de refeição⁵. Era chamado de “comilão e beerrão” (Mt 11,19) por seus opositores, que o criticavam com frequência por comer com pecadores⁶.

3 Cf.: Mc 14,22-23; Mt 26,26-27; Lc 22,19-20 e 1Cor 11,24-25.

4 N.A.: Em Mt 26,27, o verbo utilizado para a ordem “tomai” (*λάβετε*) é diferente do verbo utilizado para a ordem “bebei” (*πίετε*). Marcos não utilizar um verbo imperativo para o cálice.

5 Cf.: Mt 9,10-13; Mt 14,13-21; Mt 15,32-39; Mt 26,20-30; Mc 2,13-17; Mc 6,30-44; Mc 8,1-10; Mc 14,12-26; Lc 5,27-32; Lc 7,36-50; Lc 9,10-17; Lc 11,37-54; Lc 14,1-24; Lc 22,7-38; Jo 12,1-8; Jo 13,1-17.

6 Cf.: Mt 9,10-13; Mt 11,18-19; Mc 2,15-17; Lc 5,29-32; Lc 15,1-2.

Em toda a sua simplicidade, proximidade e acessibilidade, Jesus, através da comensalidade, promove a convivialidade fraterna que pretende fazer “um só corpo” (1Cor 10,17) todos os que participam do único Pão, que é sua “carne para a vida do mundo” (Jo 6,51). E é aí, “na necessidade básica, mais fisiológica e material da vida humana – a comida – que nós, cristãos, aprendemos a encontrar Deus” (SCHLATTER, 2016, p. 11). É preciso perceber que “para ter a experiência da pessoa de Jesus, é preciso ter compartilhado a mesa com ele, onde se revelou a si mesmo de modo privilegiado” (MAZZA, 2014, p. 63).

2. A forma da Comunhão nos primeiros séculos

Os cristãos e cristãs da comunidade de Jerusalém, descrita no livro dos Atos dos Apóstolos, obedientes à ordem do Senhor de repetirem aquela ceia em sua memória⁷, “partiam o pão pelas casas e tomavam a refeição com alegria e simplicidade de coração” (At 2,46). Este era o clima para a celebração da “Fração do Pão” e os traços identitários da primeiríssima comunidade cristã, que foi se formando “sociológica e teologicamente ao redor do ritual à mesa” (SMITH, 2009, p. 428). Receber um pedaço do Pão fracionado em memória do Senhor implicava (e ainda implica!) em “fracionar a vida” e partilhar os bens, de tal modo que “viviam unidos e possuíam tudo em comum” (At 2,44). Ética semelhante encontra-se na reprimenda de Paulo à comunidade de Corinto⁸, no contexto da “Ceia do Senhor” (1Cor 11,20) narrada conforme a tradição dele recebida. Em nenhum dos dois casos, Atos e Carta aos Coríntios, nem em qualquer outro lugar do Novo Testamento, encontra-se alguma alusão sobre receber a “Fração do Pão” ou a “Ceia do Senhor” diretamente na boca.

Na Didaqué (séc. I), texto extrabíblico que reúne as instruções ou doutrina dos Apóstolos e “que contém o ritual litúrgico mais antigo referente à última ceia” (PUIG, 2021, p. 190), nada se diz sobre a forma de comungar. Assim também nos famosos relatos de Justino de Roma (séc. II) e na Tradição Apostólica (séc. II-III). Encontramos, no entanto, em alguns dos Santos Padres da Igreja, orientações para receber a Comunhão na mão, que ao que tudo indica, era a natural e única forma conhecida àquele tempo. É o caso, por exemplo, da instrução de Cirilo de Jerusalém (séc. IV):

Quando te aproximas (para comungar), não o faças com as palmas das mãos estendidas, nem com os dedos separados, mas faz da tua mão esquerda um trono para a tua mão direita, uma vez que vai receber o Rei. Recebe o Corpo de Cristo na concavidade da tua mão e responde: *Amen* (CIRILO, 2015, p. 564).

Como indicam alguns textos patrísticos de Teodoro de Mopsuéstia, São João Crisóstomo e São Jerônimo, também no século V a Comunhão na mão era a forma ritual comum. Tal prática, no entanto, de forma alguma negligenciava o cuidado com a Eucaristia ou diminuía seu valor espiritual, pois é frequente, nos

7 Cf.: Lc 22,19; 1Cor 11,24.

8 Cf.: 1Cor 11, 17-34.

escritos dos primeiros séculos, a consciência de que se tratava “de uma celebração sacramental, não de uma simples refeição comunitária (um ágape), ainda que esta estivesse integrada àquela” (PUIG, 2021, p. 190).

Nos primeiros séculos do cristianismo, portanto, não encontramos registros da prática ou recomendação de receber a Comunhão diretamente na boca. Ao contrário, encontramos orientações quanto à recepção na mão, que se apresentava como a forma natural e comum de participar da Ceia do Senhor.

3. A deformação da Comunhão na Idade Média

É somente no século IX que temos uma indicação mais sólida acerca da distribuição da Comunhão Eucarística na boca dos comungantes leigos e leigas, como “já se fazia excepcionalmente com os enfermos” (BASURKO, 2006, p. 263). A prática se generaliza quando “o decreto é publicado pelo Concílio de Rouen (em torno de 878)” (JUNGSMANN, 2010, p. 821), impondo que a Eucaristia não fosse entregue nas mãos dos fiéis, mas diretamente na boca. Pe. Jungmann, jesuíta e grande historiador da Missa, afirma que “o novo modo de dar a Eucaristia veio ao encontro da preocupação com as mãos limpas de quem a recebeu quanto da preocupação ainda maior de que não se perdesse nenhuma migalha do pão sagrado” (*Idem*). Nos escritos patrísticos já se encontravam orientações quanto à higienização das mãos antes de receber a Comunhão, mas para além dessa questão, a preocupação medieval estava atrelada a “uma consciência aguda da necessidade de uma pureza interior difícil de conseguir [que] aparece claramente na recusa de tocar na Eucaristia” (CASEAU, 2007, p. 165).

Nos séculos seguintes, na Baixa Idade Média, com o crescente acento na moral do pecado e o delineamento doutrinário da “transubstanciação”, os fiéis leigos foram, cada vez mais, levados a um sentimento de extrema indignidade diante do sagrado. Nesse sentido:

Parecia inconveniente carregar Deus nas mãos ou tocar diretamente as coisas santas. Assim foi colocada em causa toda uma antropologia antiga da santificação pelo contato com as coisas santas [...]. Se o clero, com suas advertências, contribuiu para afastar os leigos do altar e para fazê-los sentir-se indignos de se aproximarem da Eucaristia e a tocarem, essa atitude teve amplo eco na população dos fiéis (CASEAU, 2007, p. 165).

O medo de profanar o *Corpus Christi* inibe a participação dos fiéis na *Coe-na Domini*. A definição doutrinária do modo da presença de Jesus na Eucaristia gerou e gera, paradoxalmente, um distanciamento em relação a ela. Ora, “esse paradoxo é filho de uma mentalidade em que o elemento disciplinar é tão importante a ponto de tirar a experiência fundamental” (GRILLO, 2017, p. 93). Como afirmamos em outra oportunidade:

Quanto ao “risco de profanação”, há que se pensar: se fosse a vontade do próprio Jesus não correr o risco de ser “profanado”, ele haveria de ter escolhido outros sinais ou outra forma para depositar toda a sua vida de

amor e serviço, a fim de que fizéssemos o mesmo em sua memória. [...] O respeito devido às espécies sagradas não pode nos paralisar frente à busca pela revalorização dos sinais e das ações simbólico-sacramentais da Liturgia (REIS, 2018, p. 156-157).

Recordemo-nos de que essas perspectivas medievais foram as que chegaram às Américas durante o período do colonialismo europeu (séc. XV em diante), prevalecendo até Concílio Vaticano II (1962-1965) e, em certa medida, perdurando, anacronicamente, até os nossos dias. Receber a hóstia consagrada na boca, de joelhos, sem poder mastigá-la e sem a espécie de vinho, foi a forma que historicamente conhecemos, mas que não é, em definitivo, a forma original e natural de participar do Banquete Eucarístico.

4. A Reforma da Comunhão no Concílio Vaticano II

Partindo do princípio da “volta às fontes”, preparado, dentre outros e sobretudo pelo Movimento Litúrgico, o Concílio Vaticano II debruçou-se sobre “o banquete pascal” (SC 47) e a forma de alimentar-se “à mesa do Corpo do Senhor” (SC 48).

Com a promulgação de *Sacrosanctum Concilium*, “o Vaticano II dava luz ao seu primeiro fruto plenamente maduro” (PARANHOS, 2022, p. 153). Iniciados os trabalhos de implementação, “em alguns países se manifestou a tendência a distribuir a comunhão depondo o pão consagrado na mão do fiel” (BUGNINI, 2018, p. 531). Em 28 de outubro de 1968, o Conselho para a Execução da Constituição sobre a Sagrada Liturgia (*Consilium ad Exsequendam Constitutionem de Sacra Liturgia*) enviou às Conferências Episcopais uma carta-consulta sobre a questão, apresentando pontos contra e a favor da prática, como por exemplo:

(Contra)

[...]

3. Deve-se sobretudo temer uma diminuição do respeito para com o culto eucarístico. Comungar na mão parecerá a muitos menos digno e menos respeitoso. Terão todos os comungantes as mãos limpas, inclusive as crianças?

4. Deve-se indagar também com inquietude se os fragmentos de Pão consagrado serão sempre recolhidos e consumidos com todo o respeito que merecem. [...]

5. Ademais, não se deve temer um acentuar-se de profanações e de irreverências por parte de pessoas mal intencionadas [*sic*] ou de fé escassa? O povo mal preparado e pouco instruído, recebendo o Pão eucarístico na mão, não terminará por equipará-lo ao pão ordinário ou ao pão simplesmente bento?

[...]

(A favor)

1. A comunhão na mão não toca no dogma da presença real do Senhor da Eucaristia. É somente questão de disciplina sacramental que a Autoridade eclesiástica pode, por justos motivos, modificar [...]
2. Esse modo de comungar não é uma verdadeira inovação. Foi o único usado em todo o mundo cristão, das origens até o século IX-X. [...]
3. Não se pode dizer que receber a partícula na mão seja menos respeitoso para com o Senhor do que recebê-la na língua.
4. O modo tradicional de receber a partícula na língua parece um gesto infantil aos nossos contemporâneos; recorda demasiado a maneira de nutrir as crianças, incapazes de comer sozinhas. Muitos adultos sentem-se agora pouco à vontade em perfazer em público um gesto que não tem nenhuma beleza exterior, e os equipara às crianças.
5. Mais do que no passado, os contemporâneos são sensíveis a determinadas considerações higiênicas [...] (BUGNINI, 2018, p. 534-535).

Com o advento do Missal Romano restaurado a mando do Concílio, promulgado pela Constituição Apostólica *Missale Romanum* em 3 de abril de 1969, aprovou-se o que hoje lemos na Instrução Geral sobre o Missal Romano: “[...] Quem vai comungar responde: Amém, recebe o Sacramento na boca, ou, onde for concedido, na mão, à sua livre escolha” (IGMR, n. 161). Retomou-se, assim, a possibilidade da forma mais antiga de receber o Pão eucarístico, que é na mão. Conservou-se, no entanto, para não ferir as sensibilidades de traços pietistas, a forma medieval da Comunhão diretamente na língua.

5. As “santas e veneráveis mãos”

Ao longo da história, para além da questão da pureza higiênica, recaiu sobre as mãos o peso da pureza espiritual. Não utilizá-las para a Comunhão Eucarística tornou-se uma das expressões da indignidade moral acentuada na Idade Média. Criou-se “uma diferença entre as mãos santas, tornadas dignas de tocar as sagradas espécies [as do clero], e as mãos não consagradas dos leigos” (CA-SEAU, 2007, p. 166) que, não obstante, oferecem “juntamente com o sacerdote, que não só pelas mãos dele, a hóstia imaculada” (SC 48).

É preciso que haja um esforço para recuperar a santidade das mãos, que são instrumentos fundamentais para a vida humana, sendo usadas no trabalho, nas artes, na comunicação, no cuidado com os outros, para transmitir afeto etc. Também na Liturgia, são as “mãos que dão, que oferecem, que recebem, que mostram, que pedem, que se elevam para Deus, que se estendem ao irmão, que traçam o sinal-da-cruz...” (ALDAZÁBAL, 2005, p. 109). No âmbito da piedade popular, há uma espontânea e natural utilização das mãos: “Tocar os restos mortais de um santo ou sua imagem [...] é uma forma de comunhão pessoal e intensa com o santo, corpo a corpo” (CAVAGNOLI; PIETRA, 2017, p. 78).

O Cânon Romano, atual Oração Eucarística I do Missal Romano em uso, quando da narrativa da instituição, reza que Jesus tomou o pão e o cálice com

vinho “em suas santas e veneráveis mãos”. Se comungamos, como afirmado na *Lex Orandi*, para nos transformarmos n’Aquele que recebemos⁹, é significativo que essa transformação comece pelas mãos, a fim de que as nossas sejam como as d’Ele, “santas e veneráveis”, porque abertas e abnegadas, sempre estendidas para levantar os irmãos caídos à beira do caminho, tocando e curando-lhes as feridas. Receber a Comunhão nas mãos, portanto, aponta para a vocação e a missão que elas têm de serem instrumentos de bondade, serviço, cuidado e carinho, manifestando o amor de Deus e proclamando, através das nossas, as “obras de suas mãos” (Sl 19,2).

A perspectiva fundamentalista e excludente das normas judaicas acerca da pureza ritual foi desconstruída e ressignificada por Jesus, a fim de promover uma maior proximidade e contato com os sofredores e marginalizados, de ontem e de hoje, pois:

Nossa sociedade e também nossa religião elegem pessoas e as estigmatizam com a marca da impureza, e, a partir daí, essas pessoas se tornam indignas de nossa proximidade, de nosso toque e, por isso mesmo, de nosso amor. Quando negamos a proximidade de nossos corpos e nossos toques a certas pessoas, estamos reproduzindo um pouco daquilo que aconteceu com aquela mulher que vivia há muito sofrendo de hemorragia (ROCHA, 2009, p. 67).

Como afirma o Cardeal Tolentino, “ao contrário da tradição farisaica que declarava a necessidade de uma cerca de pureza, Jesus vai tocar o intocável. Estende a mão àqueles que é proibido tocar” (MENDONÇA, 2016, p. 47). Para isso tocamos o Corpo de Cristo, “isto é, naquele que torna próximo e acessível (‘à mão’) o Deus único e invisível” (CAVAGNOLI; PIETRA, 2017, p. 84).

Conclusão

Após percorrer o histórico e as significações acerca da forma de comungar, é preciso concluir retomando a relevância e a pertinência apontadas na introdução sobre o tema, que não se trata de uma mera questão de preferência, mas se trata da ponta de um *iceberg*. Na Carta Apostólica *Desiderio Desideravi*, o Papa Francisco foi cirúrgico ao reconhecer isso, afirmando: “Seria banal ler as tensões acerca da celebração, infelizmente presentes, como se de uma simples divergência se tratasse entre sensibilidades diversas em relação a uma forma ritual. A problemática é, antes de tudo, eclesiológica” (DD 31). Desse modo, podemos afirmar: “Diga-me como comungas e te direi que concepção de Igreja tu tens”.

Nos últimos tempos testemunhamos, com assombroso espanto, a agressividade de alguns indivíduos e grupos conservadores que se dizem católicos, supostos “defensores da fé e da sã doutrina”. Em nome do escrúpulo eucarístico, atacam padres, bispos, a CNBB e até mesmo o Papa Francisco. Em publicações textuais ou audiovisuais, difamam pessoas e disseminam o ódio, multiplicado em comentários cruéis que geram o “engajamento” midiático. Propagam polêmi-

9 Cf.: Missal Romano, Oração depois da Comunhão do 27º Domingo do Tempo Comum.

cas teorias conspiracionistas, delirantes e alienadoras, que enganam e dividem os membros da Igreja, colocando-os uns contra os outros. Atrás de suas telas, covardemente distribuem juízos prontos, sem chance de defesa para seus alvos. Apresentam-se como pessoas aparentemente entendidas do assunto: citam a Escritura e alguns documentos do Magistério, mas de forma rasa e fundamentalista, sem o conhecimento histórico, antropológico e teológico suficientes. Não têm formação acadêmica nas áreas que insistem em opinar, mas posicionam-se como se peritos fossem. Exigem a Comunhão diretamente na boca, ainda que a norma o permita, e depois avocam o papel de juízes dos tribunais virtuais para condenar e execrar os membros da Igreja. Parece que a Comunhão na boca os leva a ficarem desbocados, pois não poupam palavras agressivas para atacarem clérigos e leigos(as). Comungam na boca, mas não comungam com o Evangelho do amor misericordioso, com a liturgia e a eclesiologia estabelecidas pelo Concílio Vaticano II e nem com o magistério do Papa Francisco. Não se dão conta que suas línguas, afiadas e agressivas, tornam-se mais sujas e menos dignas que suas mãos. Recebem a hóstia consagrada na boca, mas estão longe de realizarem a Comunhão Eucarística que ela significa em suas vidas. Assim, recebem a Comunhão “só de boca”.

Esse radicalismo disfarçado de piedade religiosa é, na verdade, um “fari-saísmo” puro e simples! Como os mestres da lei do tempo de Jesus, são pessoas intolerantes, inconformadas com as quebras de paradigmas estabelecidas pela nova lei por ele promulgada: a Lei do Amor¹⁰, na qual todas as outras se resumem¹¹. Apegados à literalidade das normas e ignorantes quanto ao espírito delas (*mens legis*), sentem-se superiores, como uma elite santa, detentora do conhecimento do bem e do mal, com o dever de expurgar os pecadores da Igreja. Mania de inquisição!

Importa notar que esse radicalismo ganha visibilidade na Liturgia, que é o “termômetro” do senso eclesial. Mesmo após 60 anos da reforma litúrgica continuada pelo Concílio Vaticano II, há ainda uma longa jornada para se recuperar a comensalidade eucarística vivida e desejada por Jesus, experimentada nos primeiros séculos da Igreja, descaracterizada na Baixa Idade Média e resgatada pelo Vaticano II. Que nossa forma de participar da Ceia do Senhor possa formar em nós uma Igreja mais fraterna, convivial, simples e menos farisaica.

Referências

ALDAZÁBAL, José. *Gestos e Símbolos*. São Paulo: Paulus, 2005.

BASURKO, Xabier. *Historia de la Liturgia*. Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica, 2006. (Biblioteca Litúrgica, 28).

BÍBLIA Sagrada: tradução oficial da CNBB. 6.ed. Brasília: Edições CNBB, 2022.

10 Cf.: Jo 15,12.

11 Cf.: Gl 5,14.

BUGNINI, Annibale. *A Reforma Litúrgica: (1948-1975)*. São Paulo: Paulinas: Paulus: Loyola, 2018.

CASEAU, Béatrice. A Eucaristia no centro da vida religiosa das comunidades cristãs (fim do século IV ao século X). In: BROUARD, Maurice (Org.). *Eucharistia: enciclopédia da Eucaristia*. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2007.

CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 1999.

CAVAGNOLI, Gianni; PIETRA, Loris. *Infondi amore nei nostri cuori: il coinvolgimento dei sensi nei gesti liturgici*. Ponteranica: Centro Eucaristico, 2017.

CIRILO DE JERUSALÉM. Quinta Catequese Mistagógica. In: CORDEIRO, José (Org.). *Antologia Litúrgica: Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. 2ª ed. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium*. São Paulo: Paulinas, 82007.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Instrução Geral sobre o Missal Romano e Introdução ao Lecionário*. Brasília: Edições CNBB, 2023.

FRANCISCO. *Carta Apostólica Desiderio Desideravi*. São Paulo: Paulinas, 2022.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013.

GRILLO, Andrea. *La forma rituale della fede cristiana: teologia della liturgia e dei sacramenti agli inizi del XXI secolo*. Trapani: Il Pozzo di Giacobbe, 2011.

GRILLO, Andrea. *Ritos que educam: os sete sacramentos*. Brasília: Edições CNBB, 2017.

JUNGSMANN, Josef Andreas. *Missarum Sollemnia*. São Paulo: Paulus, 2010.

MAZZA, Enrico. *Dall'Última Cena all'Eucaristia della Chiesa*. Bologna: EDB, 2014.

MENDONÇA, José. *A Mística do Instante: o tempo e a promessa*. São Paulo: Paulinas, 2016.

PARANHOS, Washington. *O contexto litúrgico-sacramental da Igreja em sua evolução histórica*. São Paulo: Paulus, 2022.

PIETRA, Loris. *Rituum Forma: a teologia dos sacramentos à luz da ação ritual*. São Paulo: Paulus, 2024.

PITRE, Brant. *Jesus and the Jewish roots of the Eucharist*. New York: Doubleday, 2011.

PUIG, Armand. *El Sacramento de la Eucaristía: de la Última Cena de Jesús a la Liturgia Cristiana antigua*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2021.

REIS, Daniel. Tomai todos e bebei: o cálice da salvação aos cristãos leigos e leigas. In: ASSOCIAÇÃO DOS LITURGISTAS DO BRASIL; PARO, Thiago (Org.). *Atualização Litúrgica 1*. São Paulo: Paulus, 2018. (Atualização Litúrgica, 1).

ROCHA, Alessandro. *Celebração dos sentidos*: itinerário para uma espiritualidade integradora. São Paulo: Paulinas, 2009.

SCHLATTER, Antonio. *A la mesa com Dios*. Madrid: Ediciones RIALP, 2016.

SMITH, Dennis. *Del Simposio a la Eucaristía*: el banquete en el mundo cristiano antiguo. Navarra: Verbo Divino, 2009.